

28 NOV 1987

# Contra-ofensiva do Governo

Numa análise procedida entre integrantes do alto comando do PMDB chegou-se à conclusão de que a vitória do "Centrão" na Constituinte pode ser o início de uma grande contra-ofensiva do Governo, visando recuperar-se politicamente. "Pode ser a Stalingrado do Governo ou também a visita da saúde ao doente moribundo", exemplificou importante parlamentar do PMDB, que participou desse encontro de análise. Stalingrado é lembrada porque foi nessa cidade que as tropas da Rússia empreenderam o início de uma contra-ofensiva, que levaria no final à conquista de Berlim e à derrota de Hitler e dos nazistas. Quando a Comissão de Sistematização da Constituinte encerrou recentemente seus trabalhos, foi como se houvesse ocorrido a "solução final", no entender de qualificada personalidade do PMDB. Isso porque o clima de radicalização criado na Sistematização pelo MUP e por outros grupos de esquerda contaminou o líder Mário Covas e outros elementos do PMDB, na visão do chamado estabelecimento conservador nacional.

Gerou-se com isso um clima de artificialidade política na Comissão de Sistematização, o qual iria provocar descontentamento e violentas pressões em sentido contrário contra a Constituinte. Desse

sentimento de insatisfação participavam amplos setores sociais e mesmo aqueles parlamentares que, colocados à margem das decisões tomadas pela Comissão de Sistematização, sentiam-se atingidos pela campanha de descrédito que se movia contra a Constituinte. Esse caldo de cultura era formado pelos grupos ideológicos que divergiam do que vinha sendo decidido pela Comissão de Sistematização. Como também pela classe média e pelo empresariado, que acusavam a Constituinte de ter se transformado em centro de atendimento de grupos cartoriais e de ter elaborado um texto constitucional que transformaria o Brasil num país ingovernável. Foi essa matéria-prima política que propiciou o surgimento do "Centrão" e lhe deu forças.

O Governo, que fora derrotado pelas esquerdas na Comissão de Sistematização, começou a identificar no "Centrão" a sua salvação e passou a jogar tudo no seu fortalecimento político. O "Centrão", por sua vez, recebeu de bom grado o reforço governamental com o objetivo de derrotar as esquerdas do PMDB. O presidente da República, cujo Governo, que estava em knock-down, no fundo do poço, de repente sentiu condições de revitalizar-se e encontrar uma saída. Em cima da derrota das

esquerdas, percebendo a eficácia dos seus métodos, o Palácio do Planalto parte para a contra-ofensiva. Descomprometido dos condicionamentos partidários, o Governo demite os adversários, retoma a polêmica construção da Norte-Sul, efetiva as interinidades (Sudene e Caixa Econômica) e avança na direção de uma negociação com o FMI, sem prestar satisfações às esquerdas, especialmente às do PMDB. Apesar da cautela adotada como tática, Sarney recobra a confiança no mandato de cinco anos e no presidencialismo. No entender dos que pensam assim, o Governo julga estar às vésperas de ver concretizada uma maioria parlamentar capaz de lhe dar sustentação política. O Planalto desistiu do diálogo com as esquerdas para apoiar-se no pragmatismo da política executada pelos ministros Antônio Carlos Magalhães e Prisco Viana.

Estabeleceu-se nessa análise, feita em reunião sigilosa do PMDB, uma comparação e se tenta encontrar similitude entre o que aconteceu em 64 e o que sucede hoje no Brasil. Naquela ocasião havia alguns ingredientes muito semelhantes aos da nossa atualidade: o desencanto da classe média e do empresariado e o mesmo quadro de deterioração econômica.